

## **Editorial**

Tardou um pouco esse segundo número de 2011. Tardou, mas chegou como **uma vida** – inspirado em Deleuze e no provocador *Biografema* que nos oferta Tânia Galli. Como, afinal, biografar (escrever editoriais) para uma revista? Nossos leitores – deve havê-los... – bem sabem que nos recusamos a “apresentar”, ou seja, a atenuar surpresas, constatações e/ou decepções.

Das primeiras, *Mnemosine* gosta de se gabar; das últimas não faz caso, pois o Editor não se pretende (como poderia sê-lo?) soberano. E se algo apenas “se constata”, decerto logo a seguir uma frase, uma citação ou uma análise abalam essa circunstância desoladora. *Mnemosine*, afinal, pouco reafirma: apenas inquieta e se inquieta em/com seu próprio/impróprio tempo.

Quando se finaliza um número e se constrói um Sumário, algo ressoa: formação, trabalho, clínica, saúde e narrativa parecem convergir nesta segunda edição de 2011, em modulações nem sempre harmônicas, mas inevitavelmente problematizadoras, intensas,.... inadequadas?

É ler para crer/descrer, amigos, e prosseguir na aventura de editar uma história-memória que, sem dúvida, contracondutualmente, se move.

O agradecimento é indispensável: à moda carioca, 2012 ainda não começou, avesso ao calendário oficial. E embora pontualidade seja virtude dos corpos (e *corpus*) dóceis, gostamos de chegar no “tempo oportuno”. Não o poderíamos fazer sem autores, pareceristas e secretária “pontuais”, por mais que críticos de uma certa “moralidade cronológica”.

Sendo assim, nos veremos, novamente, em breve.

Heliana de Barros Conde Rodrigues